Cinema/Crítica

Malcolm McDowell, nazista até na cueca.

"Passageiros", heroísmo inútil e perda de tempo

ORLANDO L. FASSONI

O título "Passageiros em Perigo" (The Passage, cine Liberty) pode dar ao espectador a impressão errônea de que se trata de mais uma catástrofe, dessas que o cinema norte-americano tem fabricado aos borbotões, recheadas de quedas de aviões, bombas a bordo, franco-atiradores em parques de diversões, psicopatas em estádios de futebol, tubarões, piranhas, cobras e lagartos. Mas não se trata disso, e a culpa cabe, mais uma vez, à idiotice de quem traduziu o título original, "A Passagem", ou "A Travessia", para "Passageiros em Perigo". Não há passageiros, há, isto sim, um grupo de pedestres que procura atravessar os Pirineus, tentando escapar da fúria de um oficial nazista que os persegue.

Realizado com a inspiração rotineira do diretor J. Lee Thompson, cujas idéias são sempre baseadas no trivial, o filme apóia-se nas emoções mais ortodoxas e no que representam, ainda, nomes como os de Anthony Quinn, James Mason, Patricia O'Neal e uns poucos outros. O espectador, com certeza, já conhece o conteúdo porque já o engoliu variadas vezes, contado de outras formas. Mas como um dos métodos da "fábrica de sonhos" é repetir tudo o que for possível, invertendo algumas situações, criando outras, esticando aqui e ali, a cirurgia plástica do diretor J. Lee Thompson acaba funcionando no seu sentido de espetáculo digestivo onde não há o que pensar porque a psicologia é de almanaque e a fórmula maniqueísta aplicada escancaradamente: mais uma vez, o Bem sobrepõe-se ao Mal. O primeiro, representado pelo pastor de ovelhas, o basco Anthony Quinn, que por cinco mil pesetas decide ajudar um cientista norte-americano, o professor Bergson, a sair de Toulouse, na França, atravessar os Pirineus gelados e chegar livre à Espanha, durante a Segunda Guerra.

O problema do basco é que, ao topar a missão, não imaginava que Bergson (James Mason) trazia a tiracolo também a esposa (Patricia O'Neal), um tanto frágil para tal caminhada, e dois filhos. Ainda assim, vence o seu senso de dever para com os membros da Resistência, que pretendiam livrar a cara do cientista antes que Himmler o pegasse para trabalhar em projetos que interessavam aos alemães. O Mal é o típico nazista, Von Verkow (Malcolm McDowell, caricatura do menino endiabrado de "A Laranja Mecânica"), um tenente que se orgulha de seu posto na SS, fanático até na cueca, e aí entra a melhor piada do filme: a suástica bordada na peça, que ele exibe orgulhosamente para a garota que sodomiza num determinado momento.

O conflito entre os que fogem e os que caçam dá o rotineiro sabor nesse picadinho feito dos temperos tradicionais: a força, a vontade, a coragem e a ânsia de liberdade naturalmente são mais potentes do que qualquer tipo de maquiavelismo, e depois de todos os quiproquós, quando Quinn e companhia estão a salvo, já na Espanha, eis que o diretor J. Lee Thompson resolve esticar a trama, pegando o público meio desprevenido com um desfecho no qual, para anular a violência, os personagens nos mostram que nada é melhor do que uma boa dose de psicologia.

A sorte de Thompson é que, antes de "Passageiros em Perigo", ele havia feito um dos piores filmes exibidos aqui este ano, o medíocre "Cabo Blanco". Aqui, as coisas são um pouco melhores, o cenário é mais bonito, os personagens são figuras típicas das aventuras em que se joga com a sorte — é matar ou morrer — e o final tem seu lado plausível. Mas nada disso faz com que o espetáculo supere a dieta hollywoodiana recomendada às platéias que pouco exigem. Bastam alguns lances de força bruta, um pouco de sangue, um grupo bem comportado fugindo de um sanguinário que nem pisca para liquidar inimigos com gasolina e fósforo, uma paisagem áspera e meio amedrontadora na sua beleza e um encerramento com chave de ouro, arrumadinho conforme o figurino. Tudo isso fabricado de encomenda para um AnthonyQuinn que nunca mais conseguiu despir as roupas do velho Zorba e cuja filosofia não vai além de uma frase ("gente como vocês devem contratar gente como eu pra matar por vocês", muito bocó); para um Mason que deve estar ruim de finanças, tanto que entrou na dança; e para uma Patricia O'Neal que, num gesto de mãe zelosa e esposa dedicada, decide suicidar-se para não atrapalhar a fuga dos demais. Muito heroísmo para uma história que não merecia tanto.

Maestros, música e espetáculo

ENIO SQUEFF

É possível que um dia se escreva a história da música através da atuação dos regentes. Ela se restringirá necessariamente da primeira metade do século passado aos nossos dias e certamente interessará aos músicos. Mas conterá muitas outras matérias que dizem respeito à psicologia das massas, ao balé e — por que não? — ao cabotinismo. Os bons maestros não são cabotinos, mas na relação entre o maestro, o público e seus músicos não faltam os lances que se aproximam disso. O grande Gustav Mahler, que foi o maior regente do seu tempo, escreveu a maior parte de sua obra para que os regentes pudessem brilhar junto com a sua música. Não deixou de se exercitar numa forma específica de narcisismo.

O assunto tem muito a ver com o que São Paulo está assistindo nos atuais "Encontros da Primavera", nos quais estão sendo executadas as nove sinfonias de Mahler — mais o Adagio da décima. E não tanto pelo cabotinismo que alguns dos regentes pudessem ter mostrado, mas pelas exibições em si. Além do maestro titular da Osesp, sr. Eleazar de Carvalho, assistiram-se três regentes em obras em que o maestro é o primus inter pares consoante as intenções do próprio Gustav Mahler. Se nem todos atuaram de modo a agradar, talvez valesse a pena indagar se é possível aplaudir um maestro pelo espetáculo coreográfico, ou pelo que obtém dos músicos com economia de gestos.

Levando-se em conta parte do público, pouco a dizer: a maioria gosta mesmo do final com o acorde de tônica tocado em fortíssimo, de preferência com o maestro em êxtase: imagino que Deus deve ter ficado mais ou menos assim, no sexto dia, pouco antes de descansar depois de ter feito o que se sabe (e que muitos não acham que tenha sido uma boa idéia). Não discuto: há um lado cabotino nos maiores artistas, que todos devemos perdoar. Música é espetáculo: não há como justificar o aparato das casacas que ninguém mais usa, senão por este visual que persiste como forma do espetáculo. Mas acho extremamente injusto que o regente mais sóbrio — e que consegue muito — obtenha os aplausos raros, comedidos deste mesmo público que parece gostar mais dos canhões da "1812" do que da própria abertura.

Tenho um exemplo: nesta segunda-feira atuou na sinfonia número 4, em sol Maior, o maestro argentino Juan Carlos Zorzi. Fez tudo o que se poderia desejar com a Sinfônica Estadual: não tentou ensinar obviedades aos músicos, nem buscou a simpatia do público com uma gestualidade exagerada. Se apelou um pouco, foi exatamente no gesto inusitado e simpático de levantar a partitura de Mahler na hora dos aplausos, como a dizer que era o seu predecessor que merecia as loas, não ele. Pois o público foi frio. E não só o público: o surpreendente é que mesmo alguns músicos acharam que o regente deveria ter sido mais espetaculoso. Não se deram conta de que o sr. Juan Carlos Zorzi não tentou forçar ninguém a fazer mais do que cada um sabia; e que cada um deu de fato o que sabia. Mas, como disse, não mereceu maiores aplausos por isso. Outra que se saiu bem, ainda que não com a mesma força, foi a maestrina israelense Dalia Atlas. Regeu muito bem, conseguiu obter o melhor da orquestra. Mas foi aplaudida? Nem tanto, ou melhor, não tanto quanto talvez o merecesse.

Mehta; nem sempre o bom maestro é o que "dança" melhor.

E tudo isso me leva, enfim, a uma conclusão: talvez não seja o caso de se contar a história dos regentes no sentido inverso do aplauso do público. Um maestro é também os gestos bonitos, sem dúvida. Quando um Zubin Mehta faz do ato de reger um quase contraponto com o que os músicos realizam, não há como desconsiderar isso. Mas a melhor música é ainda a que soa melhor; se o visual é belo, ótimo. Ocorre que não são todos os lugares que possuem uma Filarmônica de Israel, onde a gestualidade do regente se acrescenta como um jogo para os músicos. E se o balé é fundamental para uma orquestra — que exista enquanto for fundamental para a orquestra, não apenas para o público, como muitas vezes acontece por aqui.

P S: Com todas essas, ia falar da atuação da orquestra e da soprano Neide Carvalho. Fica para outra ocasião.

Mancha negra sobre o palco de Manaus

JEFFERSON DEL RIOS

"O Teatro Experimental do Sesc do Amazonas não existe mais": este aviso, que também é uma denúncia, foi lançado em Manaus após o rompimento definitivo entre a equipe artística do Tesc e a administração do Sesc. O fato é lamentável, para se dizer o mínimo. Em primeiro lugar porque o grupo, ao longo de doze anos de trabalho, se impôs como um dos mais importantes núcleos teatrais do País; em segundo lugar porque quebra (pelo menos a nível regional) a boa convivência do Sesc com o teatro em várias capitais brasileiras. Precedente grave que a entidade deveria estudar cuidadosamente, pois o que ocorreu em Manaus não foi simples atrito sem consequências.

O grupo — que tem entre seus mentores o dramaturgo e romancista Márcio Sousa — distribuiu a seguinte nota "à crítica teatral, à imprensa brasileira e ao público em geral, que sempre prestigiaram o Teatro Experimental do Sesc":

"12 anos, 21 espetáculos, 8 prêmios nacionais, não foram suficientes para conter a diretoria do Departamento Regional do Sesc de tentar impor ao grupo medidas que contrariam nossa tradição de liberdade de expressão e democracia.

"1) No dia 19 de agosto último, compareceu à reunião do grupo a sra. Natália Mendonça, Diretora Regional que, se dizendo estar sob ordens diretas do presidente do Sesc, sr. José Ribeiro Soares, anunciou a imposição de uma série de medidas autoritárias. Estas medidas, que abrangiam desde o total controle econômico do grupo até a futura escolha dos temas ou textos de espetáculos, visavam "mudar a política do grupo Tesc". Antes de adiantar o "pacote" de medidas, a referida diretora disse claramente que não havia escolha: ou o grupo aceitava ou acabava. "Mesmo as coisas boas acabam um dia", disse ela aos membros do grupo presentes à reunião.

"2) Embora encurralados, os componentes do Teatro Experimental do Sesc do Amazonas, por unanimidade, decidiram reafirmar os princípios do grupo, especialmente aquele que luta pela liberdade de expressão no Brasil. Não era possível esquecer o negro período de obscurantismo que o Tesc atravessou desde sua fundação em 1968, quando teve muitos de seus trabalhos mutilados ou vetados. Frente a esta tradição de luta, os componentes do Tesc, até por uma questão de coerência, rechaçaram as medidas repressivas da Diretoria Regional do Sesc.

"3) Como a posição do grupo havia sido colocada pelo jornalista Aldisio Filgueiras, a sra. Natália Mendonça, após insultá-lo, passou a exigir, além do acatamento de seu "pacote", a expulsão desse companheiro, um dos fundadores do grupo em 1968.

"4) Ciente da posição madura do grupo, a Diretoria Regional passou das ameaças à ação, mandando colocar cadeados em todas as portas do Teatro do Sesc. Com esta atitude terrorista, interrompeu-se a temporada da peça "O Elogio da Preguiça", de Márcio Souza, direção de Gerson Albano, que já estava em sua sétima semana com grande sucesso de público.

"5) Os componentes do Teatro Experimental do Sesc do Amazonas denunciam a atitude da Diretoria Regional, junto com o presidente do Sesc, como parte de uma escalada das forças antidemocráticas que estão tumultuando a vida brasileira, votando através do terror num retrocesso político, queimando bancas de revistas, praticando atentados e agora fechando teatros.

"6) Nós, os componentes do Teatro Experimental do Sesc do Amazonas, continuaremos o nosso trabalho. Morre o grupo ligado ao Sesc para surgir um novo grupo independente, distante desta administração obscurantista e inteiramente descompassada do esforço da sociedade brasileira em fazer deste País uma democracia.

"7) A peça, "O Elogio da Preguiça", com o apoio do movimento estudantil, continuará em cena na sede do Diretório Universitário, av. Epaminondas, 427. E dentro de alguns meses o grupo montará o seu próprio teatro em Manaus. De tudo isto, deve ficar o repúdio das forças democráticas brasileiras contra mais este ato terrorista da extrema direita." O documento leva as assinaturas de Márcio Souza, Stanley Whibbe, Aldisio Filgueiras, Ediney Azancoth, Gerson Albano, Dori Carvalho, Luz Marina Loris, Ednelza Sahdo, José Fernandes Jr, Francisco Feliciano, George Curcio, Théo Correa, Dayse Angela, Lilian Filgueiras, Adria Mendonça, Conceição Monteiro, Mário Freire, Custódio Rodrigues e Mardonio Rocha.

A crítica e o público de São Paulo e Rio conhecem o belo trabalho do ex-Tesc e prestam sua solidariedade ao grupo que, seguramente, não perecerá. Já se tem notícias de apoios concretos à equipe na nova fase. Este crítico, que se prontificou a prefaciar o livro "O Palco Verde", a ser lançado em novembro e que narra toda a trajetória do grupo desde a fundação, acredita que um centro artístico desta importância não será abandonado pelos que acreditam no debate livre e na arte fiel à realidade em que foi gerada e se propõe a expressar criticamente.

Teatro Infantil/Crítica

"O Planeta dos Palhaços" está na Biblioteca da rua Sena Madureira.

Alegre viagem ao exílio dos palhaços

TATIANA BELINKY

O Grupo Tabas, da Biblioteca Infantil da Vila Mariana, existe desde 1978, e é formado por crianças e jovens, entre 11 e 17 anos, frequentadores da biblioteca. Um grupo de teatro amador, portanto, no estilo da Biblioteca Monteiro Lobato (bem mais antigo e muito bom).

"O Planeta dos Palhaços" já é a sétima montagem deste simpático grupo (que já teve alguns diretores profissionais) e foi dirigido por um dos seus integrantes, Wilson Klayn, que leva jeito para a coisa, tanto que até fala em se profissionalizar.

O texto de Pascoal Lourenço é uma estorinha simples, sobre dois cosmonautas, pai e filha, que vão parar num planeta habitado só por palhaços de vários países da Terra, que fugiram das mazelas, maldades e tristezas da civilização terráquea. Mas, lógico, no fim tudo acaba bem, até com amor e noivado. E neste meio-tempo, acontece uma porção de brincadeiras e, é claro, palhaçadas, com palhacinhos jovens e velhos, falando com sotaques diversos, tudo muito legre, com música, alguma coreografia, e até um ou outro momento poético. E toda a parte técnica e artística também foi planejada e executada pelos jovens amadores.

As crianças e adolescentes do elenco trabalham com entusiasmo e empenho, com senso de humor e de responsabilidade, e o resultado é um espetáculo infanto-juvenil (na acepção do termo), muito agradável e com o qual o público, também infanto-juvenil, pode se identificar e se divertir bastante.

E o melhor é que os espetáculos são gratuitos, é só chegar lá, sentar e curtir. Sempre às quintas-feiras à tarde, e também aos sábados — mas o sábado é preciso confirmar, às vezes não dá.

*

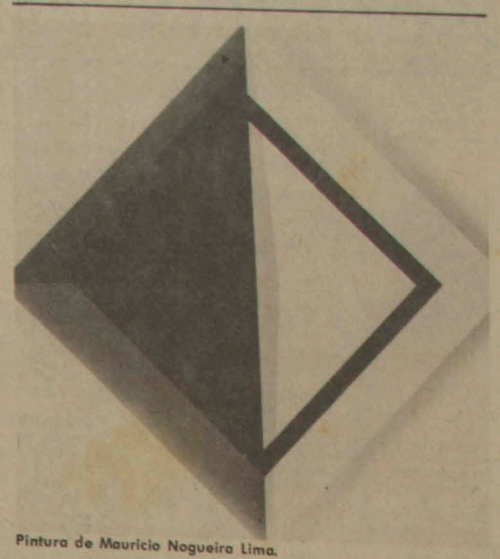
O Planeta dos Palhaços, de Pascoal Lourenço. Direção de Wilson Klayn. Sonoplastia e Iluminação de Sérgio Augusto. Cenários do Grupo Tabas. Figurinos de Alice Cruz. Com Wilson Klayn, Franz Keppler, Ana Silvia Rodrigues, Domingos Neto, Regina Vidal, Jean Pascal, Pamela Rose e Silvio Guido. Auditório da Biblioteca Infantil Viriato Correia, Rua Sena Madureira, 298 — Vila Mariana. Sábados, às 15h30.

Tipos e costumes paulistas

O Setor de História do Museu Paulista da USP abrirá hoje, às 17 horas, no saguão da Prefeitura de Itu a exposição de pintura "Tipos e Costumes Paulistas", promoção do Museu Republicano Convenção de Itu, Centro de Convivência Cultural de Itu, Museu de Arte Religiosa e Música Sacra Padre J. M. Carmelo e Prefeitura Municipal de Itu.

Os trabalhos retratam tipos populares e indumentária antiga paulista, costumes diversos e cenas de estradas e aspectos das cavalhadas em Sorocaba, por volta das três primeiras décadas do século 19. São cópias ampliadas em quadros a óleo de aquarelas ou desenhos deixados por artistas europeus, isoladamente ou em exposição, percorrendo as terras paulistas. Conservando-se o seu valor documental, as peças foram pintadas por artistas contratados pelo historiador Afonso de Taunay, que dirigiu o Museu Paulista da USP entre 1917 e 1946.

Artes Plásticas/Crítica



Pintura de Mauricio Nogueira Lima.

Dois pintores de expressão geométrica

IVO ZANINI

O geometrismo engenhoso de Mauricio Nogueira Lima voltou às paredes de uma galeria (a Cosme Velho), dando conta que a boa fórmula não envelhece. De sua parte, Volpi, em linguagem paralela à geométrica, mas com outra flexibilidade, pode ser admirado em A Ponte, que reuniu mais de sessenta obras de pequenas dimensões, servindo de avaliação à obra do artista do Cambuci nas últimas três décadas. Nas duas exposições a preocupação dos seus autores foi definir linhas, formas e cores com precisão. Em Nogueira Lima, o rigor da construção; em Volpi, a espontaneidade sem concessões.

*

Sempre foi meta de Mauricio Nogueira Lima pintar em termos de comunicação visual. Seus quadros e painéis públicos ao longo dos anos mostraram essa preocupação. Daí que o artista encontrou no geometrismo as linhas básicas para transmitir sua arte e sua mensagem, codificando pelas formas, pela luz obtida das cores e pelas linhas precisas os objetivos a atingir. E como ele está há quase trinta anos pesquisando os problemas visuais ligados à arte contemporânea, a mostra individual que agora realiza na Cosme Velho (al. Lorena, 1.579) confirma seu trabalho anterior. Nas duas dezenas de pinturas com tinta acrílica que apresenta, resumindo cinco anos de atividades-pesquisa, fica aquela impressão favorável do fiel geométrico que sempre foi Nogueira Lima.

*

São verdadeiramente preciosas as pequeninas obras em têmpera de Alfredo Volpi reunidas na galeria A Ponte (rua Haddock Lobo, 1.005). Mais do que nunca o célebre dito "tamanho não é documento" se aplica com perfeição à mostra. O talento do artista corre manso e fluente pelos sessenta quadrinhos (em dimensões) e provam a habilidade do autor. Há envolvimento de técnica e de criatividade em cada trabalho, caracterizando a transitoriedade do então figurativo Volpi da década de 40 para o geométrico a partir de 50.

Quem acompanha a trajetória do pintor nascido em Lucca e que veio para o Brasil aos dois anos observa como ele foi sempre coerente nas transformações e evoluções em sua pintura. Volpi passou das fachadas, portas e janelas para as formas do tipo conhecido por bandeirinhas e pesquisou sempre na mesma área. Sem complicar. Valorizando formas e harmonizando cores, a obra do artista cresceu e firmou-se.

Por isso que a atual exposição — bem titulada de "As Pequenas Grandes Obras de Volpi" — possibilita uma excelente oportunidade de acompanhar a trilha construtivista do pintor. Cada uma de suas pinturas — até mesmo uma Madona — serve de ponto de partida para definir por que os elementos casa, paisagem ou barco se transformam em retas, quadrados e hastes, na base da pesquisa pura. Mas ver é mais importante do que escrever ou descrever.

Tela de Alfredo Volpi.

Ajude os desamparados com contas da Telesp

Você pode ajudar o menor desamparado e descontar no Imposto de Renda, simplesmente não jogando fora as contas da Telesp, por mínimos que sejam os dividendos.
Telefone para 227-8271 — Fundação Lar de São Bento.

GUERRA AO FUMO

Quantos cigarros você fuma por dia? Já pensou quem sai ganhando e quem sai perdendo com isso?
A revista Seleções denuncia as multinacionais do fumo que vendem um produto letal nos países subdesenvolvidos.
Só no Brasil, são consumidos 135 bilhões de cigarros por ano.
Seleções ensina a vencer o stress e revela os milagres da micro-cirurgia.
E se você tem uma boa piada para contar, veja na edição de setembro como é fácil ganhar 1.000 cruzeiros por cada uma que for publicada.
Leia Seleções. Você sempre sai ganhando.

instituto de contemporâneo

Muitas peças novas estão em cartaz — "A Carta", "Mãos ao Alto São Paulo", "Tratado Geral sobre a Fofoca", "Os Filhos de Dulcina" — e outras, mais velhas, não devem ficar de lado, como "Na Carrera do Divino" e "A Nonna"

Acontece

Teatro Infantil

O PASSARO DE FOGO — Texto e direção de Sebastião Apolônio. Dois amigos partem para a Floresta do Sem Fim para aprisionar um pássaro que, segundo uma lenda antiga, traz felicidade às pessoas. Com Jeanete Gonçalves, Dina Motta, José Luiz Neto e Christiana Tedd.
* Teatro Major Diogo (r. Major Diogo, 547, Bela Vista). Estréia hoje às 16 horas. Domingo às 10h30 e 16 horas. Ingressos: Cr$ 100.

JUDAS EM SABADO DE ALELUIA — De Martins Pena. Adaptação para musical infanto-juvenil de Dyonisio Moreno e Plinio Rigon. Escrita em 1842, a peça é uma comédia de costumes que mostra como as instituições, representadas por personagens de forte colorido, revelam suas facetas. Com Cristina Santos (atriz convidada), Mariclaire Brant, Renato Kramer, Vicente Acedo, Irineu Pinheiro e outros.
* Teatro Maria Della Costa (r. Paim, 72, tel. 256-9115). Estréia hoje às 16 horas. Sábado às 15h30 e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 (único). Até 28 de dezembro.

SUPER-FLOR — De Walter Quaglia. Direção de Silnei Siqueira. Pelo Grupo Operacional Teatro do Sol.
* Teatro Arthur Azevedo (av. Paes de Barros, 955, tel. 292-8007). Sábado às 15h30 e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50. Até dia 14.

PIRLIMPSIQUICE — De Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Direção de Antonio Negrini. Criação coletiva do Grupo Aldebarã.
* Teatro Martins Pena (lgo. do Rosário, 20, Penha, tel. 293-6630). Sábado às 15h30. Domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50.

O GIGANTE — De Walter Quaglia. Direção de Ivo Henrique Treff. Pela Companhia Teatral Alma. A história de um rei que se utiliza de um gigante para dominar seu povo.
* Teatro do Bexiga (r. Rui Barbosa, 672, tel. 285-3247). Sábado, às 15h30; domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 150 e Cr$ 100.

FARSA DE YARIM NO CEU DE MANDACARU — De Cláudia de Castro. Pelo Grupo Ensaio. Musical infanto-juvenil sobre temas do folclore nordestino. Com Cristina Pessini, Edison Devitte, Edite Santana e outros.
* Teatro Igreja (r. 13 de Maio, 830, tel. 284-0014). Sábado, às 16h e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 (único).

O PLANETA AZUL — Texto e direção de Mário Bruni. O envolvimento cômico entre personagens interplanetários.
* Teatro Alfredo Mesquita (r. Sta. Madalena, 275, tel. 285-3391) Sábado, às 15h, domingo às 10 e 15h.

MUSICA NO AR — Direção e coreografia de Victor Aukistin. Supervisão geral de Nydia Licia. Uma viagem muito alegre por um país misterioso, com as notas musicais, palhaços e borboletas.
* Teatro Nydia Licia (r. Domingos de Moraes, 2970, Estação Santa Cruz do Metrô, tel. 276-2516). Sábado às 16 horas. Domingo às 10h30 e 16 horas. Ingressos: Cr$ 100 (único). Até 30 de novembro.

QUITU E O PATO QUEM-QUEM — De Maro Vinel. Direção de Nelson Machado. As aventuras de um menino indígena e um pato gigante que, em meio a muita música e num clima hilariante, mostram a importância do amor ao próximo e aos animais.
* Teatro da Praça (r. Apa, 298, tel. 62-1065). Sábado às 15h30. Domingo, às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 (único).

O PALHAÇO PIMPÃO E O GALO BARÃO — De Waldemar Sillas. A casa do palhaço Pimpão é invadida por um galo maluco que quer ser palhaço. As crianças participam ativamente do espetáculo, brincando e cantando com os atores. Com Waldemar Sillas e Augusto Castelo Branco.
* Teatro das Nações/Sala Oscarito (av. São João, 1737, tel. 220-8012). Sábado às 15h30, domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 70 (único). Até outubro.

DE COMO O DIA VIROU NOITE E A NOITE VIROU NOITE E DIA — De Lica Neaime. Pelo Grupo Piedade, Amor e Anarquia. Dois jovens entram na floresta negra a procura do sol.
* Teatro Paulo Eiró (av. Adolfo Pinheiro, 765, tel. 247-9306). Sábado, às 15h30 e domingo, às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50. Até final do mês.

CHICO PICADEIRO — De Waldemar Silas. Com Vicente Gomes. A história de um palhaço de circo contada em mímica.
* Teatro Alfredo Mesquita (r. Santa Madalena, 275, tel. 285-3391). 6.ª e sábado, às 17 horas e domingo, às 16h30. Ingressos: Cr$ 100 (único). Até 28 de setembro.

TELINVASÃO — De Isa Ferreira da Rosa. Direção e adaptação de Olney de Abreu. Pelo grupo Abracadabra. A história se passa num futuro próximo, onde o Dr. Antonio faz experiências desastrosas provocando confusão total no mundo.
* Stúdio São Pedro (r. Albuquerque Lins, 171, tel. 66-3348). Sábado, às 16 horas. Domingo, às 10h30 e 16 horas. Ingressos: Cr$ 100.

AS TRAPAÇAS DE SATANAS — Musical infantil que mostra o Mamulengo — música nordestina — a maior expressão artístico-cultural do nordeste brasileiro. O espetáculo conta com um conjunto musical típico nordestino. Direção de Neusa Maria Faro.
* Teatro Eugênio Kusnet (r. Teodoro Baima, 94, tel. 256-9463). Sábado, às 16 horas e domingo, às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 80 e Cr 50. Até 26 de outubro.

O TESOURO DA NAU CATARINETA — De Antonieta Dias de Morais, que escreveu a peça em Paris, baseando-se nas lendas da tragédia da "Nau" conhecida por todo o Ocidente. A direção é de Paulo Roberto Moreira. A "Nau Catarineta" é uma tradição em todos os países que sofreram a influência das grandes navegações e traz elementos culturais que ligam Portugal à Africa e ao Brasil.
* Teatro Taib (r. Três Rios, 252, tel. 227-9719). Sábado às 15h30. Domingo às 10 e 15 horas. Ingressos: Cr$ 150 e Cr$ 100.

O UNICORNIO — De José Rubens Siqueira, baseado em lendas e no bestiário de Leonardo Da Vinci.
* Teatro Oficina (r. Jaceguai, 520, tel. 32-3039). Sábado às 15h30 e domingo, às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100.

NA TOCA DO JAGUARA — Criação coletiva do Grupo Vivará resultante de uma pesquisa maior sobre lendas brasileiras. Texto e direção de Flávio Diasque.
* Teatro das Nações (av. São João, 1737, tel. 220-8012). Sábado às 15h30. Domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 60 (único).

FORROBODO (COM PANOS E LENDAS) — Música infantil de Vladimir Capela, José Geraldo Rocha, Paulo Adolff e Vainice Vieira. Pelo Grupo Passargada. A história de um forrobodó no Circo Pasa Garda onde mágicos, palhaços e bailarinas levam para o picadeiro seus encantos e desencantos.
* Teatro João Caetano (r. Borges Lagoa, 650, tel. 544-3774). Sábado às 15h30 e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50. Até dia 14.

OS SALTIMBANCOS — De Chico Buarque. Direção de Thanah Correa. Com Rafael de Carvalho, Bruna Lombardi, Marcela Muniz, André Piacentini, Fernando Muniz.
* Teatro Brigadeiro (av. Brig. Luiz Antonio, 884, tel. 35-8433). Às 5.ªs sessão às 15 horas. Sábado, às 15h30. Domingo, às 10h30 e 14h30. Ingressos: Cr$ 200 e Cr$ 100.

O PALHAÇO IMAGINADOR — De Ronaldo Ciambroni. Direção de Jurandyr Pereira. Um menino e uma menina que só brincavam com assuntos e idéias fabricados pela televisão encontram um palhaço que os incentiva a usar a imaginação.
* Teatro Aplicado (av. Brigadeiro Luiz Antonio, 931, tel. 36-7891). Sábado às 16 horas e domingo às 11 e 16 horas. Ingressos: Cr$ 80.

CEGONHA BOA DE BICO — De Marilu Alvarez. Direção de Alberto Soares. Quatro crianças questionam dentro do que é real os fatos da sexualidade, sem absurdos, em linguagem direta, sem chocar nem apelar para a fantasia e superstições.
* Teatro Brasileiro de Comédia (r. Major Diogo, 315, tel. 36-4408). Sábado às 16 horas e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100.

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO — De Raimundo Matos. São cinco histórias brasileiras contadas de forma bem simples e espontânea, mostrando os tipos do nosso cotidiano mitológico encontrados nas nossas histórias populares de boca em boca.
* Teatro Anchieta (r. Dr. Vila Nova, 245). Sábado às 16 horas e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 (único).

HISTÓRIAS DE PALHAÇOS E GENTES — De José Campos. Direção de Paolino Raffanti. A peça mostra o dia a dia na vida de dois palhaços, com suas peripécias no mundo encantado do circo.
* Teatro Markanti (r. 14 de Julho, 114, cont. da r. Jaceguai, tel. 32-1975). Sábado às 16 horas e domingo às 10h30 e 16 horas. Ingressos: Cr$ 100.

A PANTERA COR DE ROSA — Texto e direção de Otto Prado. Com Alna Prado, Hélio Rodrigues, Ramon Lemos e Eleonora Prado.
* Teatro Cenarte (r. 13 de Maio, 1040, tel. 284-6837). Sábado às 15h30 e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 80.

CHICO PICADEIRO — De Waldemar Sillas. Com Vicentini Gomes. A história de um palhaço de circo contada em mímica.
* Teatro Alfredo Mesquita (r. Santa Madalena, 275, tel. 285-3391). 6.ª a sábado às 17 horas e domingo às 16h30. Ingressos: Cr$ 100 (único). Até 28 de setembro.

O FANTASTICO MUNDO DA IMAGINAÇÃO — De Marilu Alvarez e Alberto Soares. Duas crianças entram no espaço proibido da casa — o sótão — e sob tensão ocasionada pela desobediência e medo, vão utilizando-se da fantasia para criar uma série de personagens que elas acreditam reais.
* Teatro da Biblioteca Municipal da Lapa (r. Catão, 611, tel. 262-0456). Sábado às 16 horas e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 50.

HISTÓRIA DE LENÇOS E VENTOS — Texto e direção de Ilo Krugli. Pelo Grupo Ventoforte. O grupo define a peça como "um espetáculo poético-visual para todas as idades".
* Teatro Ruth Escobar (r. dos Ingleses, 209, tel. 289-2358). Sábado às 16 horas e domingo às 10h30 e 15h30. Ingressos: Cr$ 150. Até final de setembro.

Exposições

ARTE EM PORCELANA NO EMBU — Reunindo representantes de várias cidades brasileiras e de países vizinhos; a Prefeitura do Embu apresenta nos salões do Centro Poliesportivo o 2.º Salão de Arte em Porcelana. Amanhã último dia.

IMAGENS E BICHOS — Mostra de cerâmica com barro de Tracunhaém (PE) e estamparia de Tiago Amorim, na galeria do Sesc (r. Dr. Vila Nova, 245). De 2.ª a 6.ª das 14 às 22 horas, sábado e domingo das 9 às 18 horas. Até dia 15.

CENOGRAFIA E INDUMENTARIA NO TBC: 16 ANOS DE HISTÓRIA — Exposição completa de painéis-ilustrativos sobre cada um dos cenógrafos e figurinistas que atuaram no TBC, no período de 1948 a 1964. Estes painéis abrangem uma significativa amostragem e perspectivas, possibilitando uma visão de conjunto. Teatro Brasileiro de Comédia (r. Major Diogo, 315). De 3.ª a domingo, das 14 às 21 horas. Até 21 de outubro.

ANNA GUTTEMBERG — Telas de pequeno formato sobre o tema "As Grandes Liberdades" — baleias, golfinhos e aves migradoras que a artista expõe no Café Melodia (r. Cel. Oscar Porto, 845), a 3.ª a domingo, a partir das 19 horas. Até dia 22.

ENCONTRO COM A CULTURA ALAGOANA — Um painel que reúne os exemplos mais notáveis do acervo artístico e intelectual daquele pequeno Estado, que embora às voltas com uma economia precária, tem revelado ao longo de sua história nomes da maior importância para a cultura nacional. A mostra conta, ainda, com seções de folclore e artesanato — cerâmica, cestaria, esculturas e bordados. De 3.ª a domingo, das 15h30 às 22 horas. Paço das Artes (av. Europa, 158).

Artesanato de Alagoas no Paço das Artes.

Museus

MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA — Exposição "Anamorias" de Regina Silveira, que apresenta séries de obras gráficas sobre o tema das deformações projetivas em imagens de objetos. Os estudos de pesquisa da artista, reunidos em álbum e acompanhados por desenhos e litografias, constituem-se em sua fase final, no trabalho de dissertação para o mestrado em artes, nos cursos de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Parque Ibirapuera, de 3.a a domingo, das 13 às 17 horas. Até 28 de setembro.

MUSEU LASAR SEGALL — Em prosseguimento ao ciclo de exposições sobre "Momentos da Pintura Paulista", o museu apresenta na sala 1 a mostra "Três Pioneiros do Tempo dos Salões" (década de 30) compreendendo trabalhos de Hugo Adami, Renée Lefevre e Domingos Toledo Piza. Paralelamente nas salas 2 e 3, a exposição "Segall [illegible]" com [illegible] desenhos e aquarelas criados até 1913, data das primeiras exposições de Segall no Brasil, na cidade de Campinas São Paulo. Rua Afonso Celso, 362/388, de 3.a a 6.a e domingo, das 14h30 às 20h30. Amanhã último dia.

MUSEU DE ARTE MODERNA — Duas retrospectivas: de Sacilotto, considerado o precurso da escultura de vanguarda, fez esculturas e relevos concretos. Seus trabalhos sugerem movimento, produzindo vibrações óticas que o classificam na "optical art"; e de Fiaminghi, que foi o introdutor do "offset" em sua fase de estudos e obras "reticula-cor-luz". As retrospectivas revelam as fases de criatividade, vividas pelos dois artistas. De 3.a a 6.a das 13 às 19 horas, sábado e domingo das 11 às 17 horas.

Para crianças

A partir das 10 horas, será apresentada na Lojinha da Mônica — rua Augusta, 163 — um audiovisual sobre higiene infantil a cargo do "Gulosão". Distribuição de brindes, pipoca e suquinhos.

Teatro

Nicette Bruno e Luis Carlos Arutin em "Mãos ao Alto, São Paulo".

* Os ingressos para todos os espetáculos estão à venda na Casa do Espectador, tel. 32-0263. Vá ao Teatro. Tel. 61-0194.

A CARTA — De Somerseth Maugham. Direção de Geraldo Queiróz. Tradução de Millôr Fernandes. Um Singapura, nos anos 40, um casal de ingleses vê seu destino ameaçado por um misterioso assassinato. Com Beatriz Segall, Rubens de Falco, Lineu Dias, Iara Lins, Sérgio Ropperto, Celso Saiki e Maiku Kojonoi.
* Teatro Maria Della Costa (r. Paim, 72, tel. 256-9115). 4.ª horário especial: às 18h30, ingresso: Cr$ 200. Às 21h15, ingressos Cr$ 300 e Cr$ 200. 5.ª às 21h15, Cr$ 300 e Cr$ 200. 6.ª às 21h15, Cr$ 350 (único). Sábado às 20 e 22h30, Cr$ 350 (único). Domingo às 18 e 21 horas, Cr$ 300 e Cr$ 200. Censura: 14 anos.

MÃOS AO ALTO SÃO PAULO — Comédia de Paulo Goulart. Direção de Roberto Lage. A história de um assalto a uma luxuosa residência de São Paulo. Com Nicete Bruno, Luis Carlos Arutim, Márcia Real, Bárbara Bruno, Giuseppe Oristânio, Fernando Bezerra e Moema Brum.
* Teatro Paiol (r. Amaral Gurgel, 164. Tel. 221-2462). De 4.ª a 6.ª, às 21 horas, sábado às 20 e 22 horas e domingo às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 300,00 e Cr$ 200,00 (estudantes).

TRATADO GERAL SOBRE A FOFOCA — Comédia musical de Ana Luiza Fonseca, inspirada no livro homônimo do psiquiatra José Angelo Gaiarsa. Direção de Zecarlos Andrade. Direção musical de Nelson Ayres. Uma série de quadros mostra as relações de poder e suas implicações no indivíduo, na família e na sociedade. Com Ligia de Paula, Selma Egrei, Paulo Azevedo, Oswaldo Barreto, Vicente Baccaro, Celso Batista, Ademir Arantes e Fernando Athayde.
* Teatro Anchieta (r. Dr. Vila Nova, 245, tel. 256-2281). De 4.ª a 6.ª às 21 horas, sábado às 20 e 22 horas e domingo às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 350 e Cr$ 250 (estudantes). Sábado Cr$ 350 (único).

OS FILHOS DE DULCINA — De Miguel Magno e Ricardo de Almeida. Direção de Antônio Fernando da Costa Aguiar Negrini. Os conflitos de duas amigas que moram juntas, ligadas neuroticamente por um dado específico do passado de ambas: o teatro. Com Miguel Magno e Ricardo de Almeida.
* Teatro Eugênio Kusnet (r. Teodoro Lima, 94, tel. 256-9463). De 4.ª a 6.ª, às 21h30. Sábado, às 20 e 22h30 e domingo, às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 120 e Cr$ 80 (estudantes). Até final de outubro.

OS ULTIMOS DIAS DE SOLIDAO — De Jerônime Savary. Direção de Silvia Poggetti. Pelo Grupo Primeiro Ato. O texto é inspirado no mito de Robinson Crusoé. Com Oswaldo Raimo, A.C.Moreira, Miguel Rosas, Antônio Ozório, Silvia Poggetti, Indalécio Santana e outros.
* Teatro João Caetano (r Borges Lagoa, 650, Vila Mariana, tel. 544-3774). De 4.ª a sábado, às 21 horas e domingo, às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50 (comerciários e industriários). Até dia 28 de setembro.

NA CARREIRA DO DIVINO — De Carlos Alberto Soffredini. Com o Pessoal do Victor. Direção de Paulo Betti. A peça que fez sucesso o ano passado mostra a vida do caboclo paulista. Com Adilson Barros, Elza Gonçalves, Marcio Tadeu, Marcilia Rosário e outros.
* Teatro Martins Pena (largo do Rosário, 20, Penha, tel. 293-6630). De 4.ª à sábado, às 21 horas. Domingo, às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50 (estudantes). Até dia 28.

SENHOR DOS CACHORROS — De José Augusto Fontes. Direção de Hugo Barreto. A peça retrata o Poder, em seus vários níveis, baseando-se num ambiente familiar. Com Antonio Fagundes, Ednei Giovenazzi e Clarisse Abujamra.
* Teatro Brasileiro de Comédia (r. Major Diogo, 315, tel. 36-4408). Sábado, às 21 horas e domingo às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 200.

É MUITO SOCO PRA UM SOCO SO COÇAR — Comédia do ator Rafael de Carvalho. Direção de Luiz Mendonça. Com Ma[illegible] Rafael de Carvalho. Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco (r. Erasmo Braga, 879, Presidente Altino). Entrada franca.

MORTE E VIDA SEVERINA — De João Cabral de Melo Neto. Direção de Tom Santos. Músicas de Chico Buarque. O tema da peça é o retirante e seu envolvimento poético e social com a terra. Com Sola Nigri, Roberto Amato, Célia Santos, Marcus Card, Tom Santos, Janice Barreto, Hélio Tori e Márcia Delfonso.
* Teatro Aplicado (av. Brig. Luis Antônio, 931, tel.36-7891). De 3.ª a 6.ª às 21 horas, sábado às 20 e 22 horas e domingo, às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 250 e Cr$ 150 (estudantes). Para grupos de estudantes preços especiais.

EL GRANDE DE PEPSI-COLA — Comédia musical de Ronald House e Diane White. Direção de Carlos Di Simoni. A ação se desenvolve em Trujillo, onde a família Hernandez é dona de um cabaré. A peça foi atualizada desde sua última montagem, em 1973. Com Paulo Hesse, Jacques Lagoa, Zélia Martins, Jorge Cerruti e Sula Moreno.
* Café Teatro Odeon (r. Santo Antônio, 1.000, tel. 258-8006). De 3.ª a 6.ª às 21h15, sábado, às 20h15 e 22h14 e domingo às 18h15 e 21h15. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 150. Sábado Cr$ 300 (único).

A NONNA — De Roberto Cossa. Direção de Flávio Rangel. A história de uma avó de cem anos e seu núcleo familiar. Com Cleide Yáconis, Flávio Galvão, Guilherme Correa, Ana Rosa, Laura Cardoso, Tereza Gelshem e Marcos Plonka.
* Teatro Arthur Azevedo (av. Paes de Barros, 955). tel. 292-8007. Ingressos: Cr$ 100 e Cr$ 50 para comerciários. Até dia 21.

BARRELA — De Plínio Marcos. Direção de Renato Consorte e Plínio Marcos. Trata do relacionamento entre vários presos, num xadrez. Com Francisco Milani, Acaiabe, Thanah Correa, Adelmo Rodrigues, Marcelino Buru, Paço Sanches, Carlão, Cachimbo, Antônio Leite, Júnior Prata, Moisés da Rocha e Manuel Gutierrez.
* Teatro Taib (r. 3 Rios, tel. 227-9719). De 4.ª a 6.ª, 21h. sábado, 20 e 22h; domingo 18 e 21h. Ingressos: Cr$ 200 e Cr$ 100. Censura: 18 anos.

A RATOEIRA — De Agatha Christie. Tradução de Bárbara Heliodora. Direção de Afonso Gentil e cenários e figurinos de José de Anchieta. Escrita poucos anos após a 2.ª Guerra Mundial, mostra os reflexos da guerra nos costumes da sociedade britânica. Com Rosaly Papadopol, Alexandre Dresler, Paolino Raffanti, Kinda Gay, Gustavo Pinheiro, Marlene Santos, Pasqual Lourenço e Fábio Tomasin.
* Teatro Markanti (r. 14 de Julho, 114, continuação da r. Jaceguai, tel. 32-1975). de 4.ª a 6.ª às 21 horas. Sábado às 20 e 22h30 e domingo às 18h30 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 250 e Cr$ 150. Sábado, Cr$ 250 (único). Censura: 14 anos.

VIVA O CORDÃO ENCARNADO — Comédia regional de Luiz Marinho. Direção de Otto Prado. O texto mostra um dos pontos altos do folclore nordestino. O Pastoril com seus Cordões (alas) de Pastoras, o Encarnado (vemelho) e o Azul, tendo como uma espécie de Mestre de Cerimônias o "Velho" típico palhaço popular, malicioso e cheio de humor picante e irreverente. Com Julio Callado, Marina Euzébio, Albenis Amaral, Leo Lobo e Alna Prado.
* Teatro Cenarte (r. 13 de Maio, 1040, tel.284-6837). De 5.ª a domingo, às 21 horas. Ingressos: Cr$ 200 e Cr$ 150.

FIM DE JOGO — De Samuel Beckett. Direção de Antônio do Valle. Quatro personagens encerrados num pequeno abrigo têm como único contato com o exterior duas pequenas janelas. Pela Companhia Dramática Piedade, Terro e Anarquia. Com Fernando Neves, Henrique Alberto, Hugo Della Santa e Lica Neaime.
* Studio São Pedro (r. Albuquerque Lins, 171, tel 66-3349). De 4.ª a domingo, às 21h. Ingressos: Cr$ 200 e Cr$ 100. Até o final de setembro

O SENHOR GALINDEZ — De Eduardo Pavloski. Direção de Paulo Medeiros de Albuquerque. Pelo Grupo Ciro 20. O tema é a violência personificada por Galindez, como forma de dominação. Com Zécarlos Machado, Cacá Amaral, Nirce Levin, Luis Damasceno, Thereza Freitas e Cristina Rodrigues.
* Teatro Ruty Escobar — Sala do Meio (r. dos Ingleses, 209, tel- 289-2358). De 4.ª a 6.ª às 21h15; sábados, às 20 e 22h e domingos às 18h30 e 21 h. Ingressos: Cr$ 200 (único). Censura: 18 anos.

O ABAJUR LILAS — De Plinio Marcos. Direção de Fausi Arap. Retrato de submundo, onde um homossexual ganha a vida explorando três prostitutas. Com Walderez de Barros, José Fernandes de Lyra, Anamaria Dias, Cláudia Mello e Silas Gregório.
* Teatro Aliança Francesa (r. General Jardim, 182, tel 259-8412). De 4.ª a 6.ª às 21h; sábados, às 20 e 22h e domingo, às 18 e 21h. Ingressos: Cr$ 300 (único). Censura: 18 anos.

CALABAR, O ELOGIO DA TRAIÇÃO — De Chico Buarque e Ruy Guerra. Direção de Fernando Peixoto. A história do mulato Calabar, pernambucano que no século 17, depois de combater os invasores holandeses, desertou, foi caçado e condenado à morte por Matias de Albuquerque. Com Renato Borghi, Othon Bastos, Martha Overbeck, Sérgio Mamberti, Tânia Alves e outros.
* Teatro São Pedro (R. Albuquerque Lins, 171, tel. 66-3348). De 4.ª a 6.ª 21h; sábado, 19h30; domingo, 18 e 21h. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 200. Até dia 24.

TEM UM PSICANALISTA EM NOSSA CAMA — Comédia em 2 atos de João Bettencourt, com 3 personagens: a esposa, o marido e o psicanalista. Depois de algumas sessões de psicanálise, a esposa se conscientiza de sua condição. Com Mirim Mehler, Paulo Villaça e Serafim Gonzalez. Direção de Odavlas Petti.
* Teatro Itália (av. São Luis, 50, tel. 257-3138). De 4.ª a 6.ª, 21h; sábado, 20 e 22; domingo, 18 e 21h. Ingressos: Cr$ 300,00 (único).

DOROTEIA — De Nelson Rodrigues. Direção de Aziz Bajur. Comédia que mostra o choque de duas forças antagônicas: instinto e repressão, através do confronto entre uma prostituta que busca refúgio na casa de três tias repressoras e a austeridade moral que representam. Com Esmeralda Hannah, Aron Aron, Lauri Prieto, Carlos Barreto, Ecilia Pedroso e João Carlos Melão.
* Teatro Oficina A (r. Jaceguai, 520, tel. 32-3039). De 4.ª a domingo, às 21 horas. Ingressos: Cr$ 200 e Cr$ 150. Censura: 14 anos. Até 4 de outubro.

NÃO ME MALTRATE ROBINSON — De Paulo Afonso Grisolli. Direção do autor. Com Eduardo Tornaghi e Luiz Armando Queiroz. Uma adaptação para adultos da história de Robinson Cruzoé.
* Teatro do Bexiga (r. Rui Barbosa, 670, tel. 285-3247). De 4.ª a 6.ª, às 21 horas. Sábado, às 22 horas e domingo, às 18 e 21 horas. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 150. Sábado: Cr$ 300,00)único).

PATO COM LARANJA — De William Douglas. Direção de Adolfo Celi. Comédia com Paulo Autran, Irene Ravache, Márcio de Luca e Edy Siqueira.
* Teatro Brigadeiro (av. Brigadeiro Luis Antonio, 885, tel. 35-8433). De 4.ª a 6.ª, às 21h. Sábado, às 20 e 22h30; domingo, às 17 e 20h. Ingressos: 4.ª a domingo, Cr$ 400 e Cr$ 200,00, 5.ª e 6.ª e sábado, Cr$ 500)único. Até dia 28.

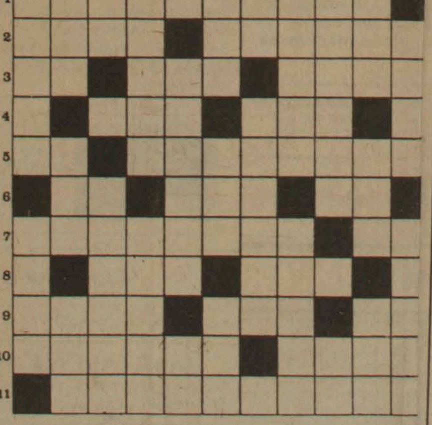
O BENGALÃO DO FINADO — Comédia, em três atos de Armando Gonzaga que retrata a época em que uma tradicional família brasileira luta pela preservação de sua tradição. Com Vera Nunes, Elizabeth Henreid e outros.
* Teatro Alfredo Mesquita — (R. Santa Madalena, 275/279, tel. 285-3391). 5.ª e 6.ª 5 as 21 horas. sábado às 20 e 22h30 e domingo às 21 horas. Ingressos: Cr$ 250 e Cr$ 150. Sábado Cr$ 250.

A FALECIDA — De Nelson Rodrigues. Direção de OsmarRodrigues.Uma mulher de classe média descobre um dia seu fracasso como esposa e amante. A partir daí, passa a acreditar que o ideal seja morrer, para ter um enterro de luxo. Com Nize Silva, Luiz Parreira, Paulo Prado e outros. A peça completa hoje 400 apresentações.
* Teatro Popular do Sesi — (av. Paulista, 1.033, tel. 234-1473). De 4.ª a 6.ª, 21 h. sábado e domingo, 18 e 21 h. Ingressos: gratuitos, na bilheteria do teatro.

QUALQUER SEMELHANÇA E MERA COINCIDENCIA — De Dárcio Dela Mônica. Direção de Fernando César e do autor. Uma colagem de textos de vários autores da literatura brasileira, entre les Mário de Andrade, Cecília Meireles, Drummond e Manuel Bandeira. Com Dárcio Dela Mônica, Fernando César, Ligia de Oliveira, Nilza Zagatti e outros.
* Grande Teatro de São Paulo — (r. Galvão Bueno, 714, tel. 195-6433) . De 4.ª a domingo às 21 horas. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 150. Desconto espeical para escolas.

O FILHO DO CARCARA — De Alcides Nogueira Filho, Musical composto de vários esquetes, flashes e personagens que sofrem em mesas de bares, no meio de seitas, tomando drogas, nas mesas de torturas, camuflados ou esquecidos. No elenco, Júlia Pascate, Arnaldo Valério, Fábrio Oriente, Sylvio Mazzuca e Edith Siqueira.
* Teatro Faap (r. Alagoas, 903). De 4.ª a sexta, 21h. sábado, 20 e 22h30; domingo, 18 e 21h. Ingressos: Cr$ 300 e Cr$ 150.

Cruzadas



HORIZONTAIS — 1- Sensual (fem). 2 — O outro mundo — Sombrinha. 3 — Uma letra — Ódio — Correntes de água. 4 — Composição poética — (mit.) Os quatorze distritos do feliz reino de Osíris. 5 — Símbolo do rutênio — Achatada. 6 — Abrev. latina: sacrilegium — Folha de palma — No caso de. 7 — Separada — Sobrenome. 8 — (ant.) Réu — Sigla: Organização das Nações Unidas. 9 — Cidade da Romênia — Parte da xícara — Termo guarani: água. 10 — Uma fruta — Canastrinha. 11 — Artefato de cartão.

VERTICAIS — 1 — Ficar sem proprietário — Camareiras. 2 — Grito do toureiro — Sigla: Universidade de São Paulo — Vila da França. 3 — Decifra — Caldo de cana. 4 — Levemente molhada — Arrabal. 5 — Muito afastado — Abrev. Latina; títulos. 6 — Que te pertence — Floxo — Escudeiro. 7 — Homogêneo — Aliados. 8 — Livros — Taxa paga à autoridade eclesiástica. 9 — Partidos, facções —,Símbolo da prata. 10 — Saudação telefônica — Desde — Sem gosto. 11 — Doença respiratória — Um, entre dois ou mais.

Programação de TV

2
11:15 Desenho Técnico-Mecânico
12:00 É Hora de Esporte
12:40 RTC Notícia — 1.ª edição
13:00 Gosto Não se Discute
13:30 Telecurso 2.º Grau
13:45 Boca do Povo
14:15 Vox Populi
15:15 Curso de Francês
15:45 Telecurso 2.º Grau
16:00 Jornadas Esportivas
18:15 Ação Super 8
19:15 Música do Mundo
19:45 Telecurso 2.º Grau
20:00 RTC Notícia — 2.ª edição
20:25 João de Scantimburgo
20:30 Música, Divina Música
21:00 A Noite do Choro
22:00 Esporte Compacto
23:00 Filme: "O Homem das Mil Caras"

5
09:15 Telecurso 2.º Grau
11:00 Calimero
11:30 Mundo Animal
12:00 A Mulher Maravilha
13:00 Globo Esporte
13:15 Hoje
14:00 Tênis Internacional
16:00 Os Waltons
17:10 Disneilândia 80
18:15 Marina
19:00 Jornal das Sete
19:10 Plumas e Paetês
19:50 Jornal Nacional
20:20 Coração Alado
21:30 Filme: "Um Caso Presidencial"
23:20 Filme: "Angústia"
01:15 Filme: "A Noite Tudo Encobre"
03:20 Swat. Filme: "O Blefe"
04:10 Filme: "Até a Vista, Querida"
05:45 Filme: "O Homem Errado"
07:30 Desenhos
07:40 8 é Demais

7
07:30 Diálogo Agropecuário
09:00 Desenhos
11:00 Olho no Lance
12:00 Record em Notícias
13:00 Almoço com as Estrelas
15:00 Raul Gil
18:00 Tarzan
19:00 Kung Fu
20:00 James West
21:00 Filme: "Amor e Ambição"
23:00 O Homem do Sapato Branco
01:00 Filme: "Descida para a Morte"
02:45 Harry 0

11
10:00 Programa Arabe na TV
10:30 Torneio Nakata
12:30 Dramas da Vida
13:00 Canta Brasil
15:00 Futebol Amador
17:00 Programa Educativo
19:00 Mundo Indomado
20:00 Programa Sérgio Bacarat
21:00 Imagem do Japão
23:30 Futebol

13
10:00 Caravela
11:30 Bernard Johnson
12:00 Jornal do Disco
12:30 Esporte
13:00 Primeira Edição
13:0 Programa Dárcio Campos
17:55 Notícias
18:00 A Deusa Vencida
18:48 Notícias
18:50 Cavalo Amarelo
19:50 Um Homem Muito Especia
20:00 Jornal Bandeirantes
21:00 Chacrinha
22:58 Notícias
23:00 Filme: "Mamãe foi Caçar"
01:15 Filme: "Náufragos da Vid

Panorama

T. Monteiro

O ANTEPASSADO DA BALEIA

Foi encontrado, na margem do Red River (Rio Vermelho), no Estado de Louisiana, USA, o esqueleto fóssil, quase completo, de um antepassado de baleia atual. Trata-se do "basilossauro", que viveu há quarenta e cinco milhões de anos.

Os arqueólogos encontraram o crânio, intato, com um metro e vinte e dois centímetros de comprimento; a coluna vertebral quase completa e diversos outros ossos do cetáceo pré-histórico.

Um dos arqueólogos que participaram da descoberta declarou: "Esse é um caso em um bilhão. Não se tem conhecimento de nenhum outro crânio como este. Ele vai nos dar informações muito úteis!"

LINGUAGEM DAS FLORES

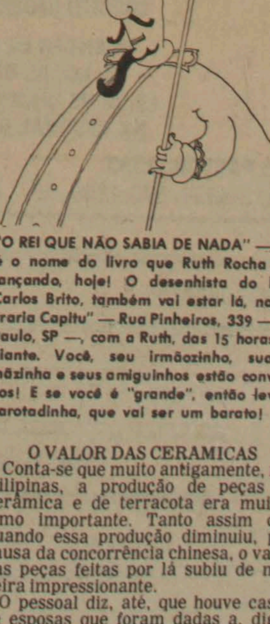
Comenta o amigo Jamel Gene Ablen, de Sta. Rita do Passa Quatro, SP, que "as flores, na singeleza de suas cores e formatos, encerram significados especiais. São verdadeiros símbolos que a natureza ofereceu aos poetas". E os poetas logo fizeram proveito desses símbolos, atribuindo uma linguagem às flores, que, com Jamel, é esta:

A violeta significa dor, sofrimento; o resedá, ternura; a rosa, amor; o lírio, pureza; a camélia, orgulho; a dália, reconhecimento, gratidão; a margarida, estima, apreço; a mimosa, segurança; o lilás, amizade; o miosótis, lembrança, saudade; a gardênia, sinceridade; o ciclâmen, ciúme; o narciso, frieza; a anêmona, perseverança.

PRESENTE "DESABAFANTE"

Uma revista francesa ("Point de Vue, Imagens") conta que entre os presentes postos à escolha dos clientes, em Los Angeles, estão impressionantes cabeças encolhidas pretensamente feitas pelos Jivaros, "esses ferozes índios da Amazônia". O preço dessas cabeças, quinhentos dólares, não é exagerado se a gente levar em conta que é possível encomendar uma cabeça que se pareça muito com a de alguém que se deteste...

E parece que há inúmeros clientes que desabafam a raiva, encomendando cabeças encolhidas da sogra ou de professores!


"O REI QUE NÃO SABIA DE NADA" — Este é o nome do livro que Ruth Rocha está lançando, hoje! O desenhista do livro, Carlos Brito, também vai estar lá, na "Livraria Capitu" — Rua Pinheiros, 339 — São Paulo, SP —, com a Ruth, das 15 horas em diante. Você, seu irmãozinho, sua irmãzinha e seus amiguinhos estão convidados! E se você é "grande", então leve a garotadinha, que vai ser um barato!

O VALOR DAS CERAMICAS

Conta-se que muito antigamente, nas Filipinas, a produção de peças de cerâmica e de terracota era muitíssimo importante. Tanto assim que quando essa produção diminuiu, por causa da concorrência chinesa, o valor das peças feitas por lá subiu de maneira impressionante.

O pessoal diz, até, que houve casos de esposas que foram dadas a, digamos, um "comprador", em troca de ânforas e jarras.

MAIS CRIMES!

Dizem que, nos Estados Unidos, os autores de romances policiais estão ameaçando entrar em greve. Explicando o fato, o sindicato deles diz que o sucesso esplendoroso de cerca de uns vinte desses autores — cujos livros, sempre, têm enorme tiragem — faz com que os demais sejam esquecidos e, menos favorecidos, estes passam por seríssimas dificuldades financeiras. Então, parece que a palavra de ordem da greve seria:

"O crime não compensa o suficiente!"

SENSO DE ORIENTAÇÃO

Para demonstrar como o senso de orientação é desenvolvidíssimo em determinados animais, o inglês David Attenborough, autor do livro "A Vida sobre a Terra", cita o caso de um pássaro migrador que foi retirado do ninho, na ilha de Stockholm, no Gales ocidental, e levado para Boston de avião. A distância que separa os dois lugares é de cinco mil quilômetros.

Pois bem, assim que foi posto em liberdade, o pássaro saiu voando e chegou ao ninho dele doze dias e meio depois!

ANUNCIO CURIOSO

Naturalmente, houve um daqueles "erros de impressão" neste anúncio, publicado no jornal francês "Nouvelle République du Centre-Ouest": "A viúva Schneider, nascida em Baonnard, agradece sinceramente a todas as pessoas que, num gesto de consideração delicada, assistiram às suas exéquias."

O TESTE

O aspirante a marinheiro está fazendo teste de inteligência. O examinador lhe pergunta:

— Se, passeando por uma rua, você ver um barco vir para cima de você, desgovernado, o que é que faz?

— Ah! Eu paro na hora de beber! — responde o rapaz.

POIS É...

Outro dia, falava-se em idade, beleza, mocidade... e a Crystina Hein comentou:

— Eu tenho uma amiga maravilhosa, que está com 78 anos e diz, tranquila: "Eu sempre fui moça e linda; agora, sou só linda!"...

(Por falar nisso, vó Crystina, dê aquele abração à Léinha e ao Ronnie pelo nascimento da Natália!)